**Gravação: audio\_entrevista\_luciana\_parte\_1**

**Duração: [00:31:10]**

|  |  |
| --- | --- |
| **Legenda** | **Descrição** |
| (comentário aqui) | Comentários do transcritor. Exemplo: (vozes sobrepostas). |
| [00:00:00] | Marcação do tempo onde se inicia uma fala. |
| (inint) [00:00:00] | Trecho não compreendido com clareza. |
| ahãm, uhum | Interjeição de afirmação, concordância. |
| hã | Interjeição de dúvida, incompreensão ou reflexão. |
| Orador A | Yasmin |
| Orador B | Luciana |

**Início da Transcrição [00:00:03]**

Orador A: Hoje é dia 05/01/2023, gravação da oitava entrevista para pesquisa: Educação vigiada, as implicações do uso das plataformas digitais no trabalho dos professores da educação básica de Mato Grosso do Sul, executada pela estudante discente Yasmin e sob a orientação do professor Jacob Carlos Lima, no programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos.” Luciana, você me autoriza a realizar a gravação da entrevista?

Orador B: Sim.

Orador A: Em qual município atua?

Orador B: Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Orador A: Luciana, como foi pra você, aliás, como foi organizar o ensino remoto emergencial, durante a pandemia da COVID-19 na escola ou nas escolas que você atuou? Se possível, fale quantas escolas atuou.

Orador B: Eu atuei em três escolas e cada uma delas teve uma organização diferente. Duas escolas eram estaduais e uma, municipal da prefeitura. Na escola, numa das escolas estaduais que eu trabalhei, a gente tinha atividades pelo Google Class, é, que eram disponibilida, disponibilizadas impressas também, pro aluno que não tivesse acesso. Era uma atividade, é, APC, né? Atividade Pedagógica Complementar. E aí, no caso, nessa escola, eu tinha que fazer uma espécie de uma avaliação, que o aluno respondia e eu mandava o referencial teórico junto, pra ajudar. E oferecia vídeos pro aluno assistir, né, links de vídeos da internet, coisas assim. E houve um momento, nessa escola, por exemplo, que foi solicitado que a gente gravasse aulas pelo Google Meet. Pra mim, foi um terror, né? E a outra escola, eram APCs que eram entregues apenas impressas pros alunos, aí a gente tinha que fazer uma outra coisa, a gente poderia utilizar o Google Class, mas pra, assim, com outras finalidades, né? Normalmente, as atividades eram entregas impressas. Essa outra escola. E na minha terceira, que era da prefeitura, nós tivemos aula pelo WhatsApp. Então, eu tinha que cumprir o meu horário de aula, no meu horário de aula, eu entrava na sala de WhatsApp com os alunos e aí, eu mandava, a princípio, é, um, uma atividade pra eles fazerem e mandava o, né, o que que era pra eles fazerem, tinha uma espécie de uma apostila que foi montada, a princípio, pela SEMED, Secretária de Educação do Município, e depois houve um momento em que com as quei, com as queixas que nós tivemos em relação com o material que foi produzido, foi autorizado que nós produzíssemos um material, então, daí nós produzimos esse material, mas a dinâmica era a mesma. Você tinha que passar a, qual a atividade que você estaria trabalhando daquele material e mandar pros alunos alguns vídeos de referência do YouTube, pra eles assistirem, e depois, a gente ficava disponível caso os alunos tivessem alguma dúvida, a gente poder explicar ou mandar um outro link, que fosse o caso, pra ajudar os alunos. Aí, na aula seguinte, eu fazia correção das explica, das atividades, eu fazia correção comentada das atividades e foi essa atuada na prefeitura.

Orador A: Luciana, como foi, pra você agora, trabalhar durante a pandemia do COVID-19?

Orador B: Olha, foi, foi um momento, acho que, nunca o magistério pesou tanto, sabe? Foi uma época muito ruim, porque, primeiro que a gente avançava muito nos horários, preparando essas atividades. Nessa questão de você preparar, até preparar coisas pro Google Class não era problema, né? Mas, assim, a gente tinha que assistir os vídeos, ver se os vídeos eram adequados pros alunos, selecionar o material. Aí, você tinha que compartilhar esse material no Google Class, você tinha que passar as questões no Google Class, aí foi difícil, porque a gente não estava acostumada. Então, a gente teve que aprender tudo no meio do processo. Aí quando foi pedido pra gravar a aula, pra mim foi um tormento, porque eu tinha que gravar uma aula de cinco minutos, porque mais do que cinco minutos não cabia. E aí, era uma pergunta que eu fazia, "O que que vai adiantar, né?". Se eu tenho em sala de aula 50 minutos, vamos dizer aí que, de utilidade mesmo, tem 40, mas eram 40 minutos úteis dentro de sala de aula. E aí, eu fico com cinco minutos inúteis que eu tinha que fazer, gravar o negócio e tirar coelho da cartola, né? É, eu senti como se eu tivesse que fazer mágica, porque você explicar um conteúdo todo em cinco minutos, né? E os alunos já não entendem explicando num tempo maior, dando exemplo e tudo mais. Então, eu achei assim, que foi uma coisa, assim, forçosa. E aí, eu tinha que espremer a minha, minha aula em cinco minutos, eu sempre avançava os cinco minutos, aí eu tinha que começar a gravar de novo. Aí me estressava, aí, eu tentando condensar aquilo em cinco minutos, eu me estressava mais ainda e, pra mim, foi particularmente difícil, porque eu fiquei sozinha com o meu filho. Meu filho tinha quatro anos, na ocasião da pandemia. E, e ele é autista leve. E ele queria brincar, ele queria companhia, ele queria, é, que eu brincasse com ele. Eventualmente, ele interrompia a minha aula e eu não tinha como deixar com o pai, porque o pai tava na linha de frente, o pai era bombeiro-militar, né, é bombeiro-militar, tava na linha de frente, tanto é que ele pegou COVID umas três vezes. Então, foi muito difícil. E a gente ficou, eu e ele, ficamos isolados mesmo, né? Eu levei a sério a questão do isolamento. Eu saía pra ir ao mercado, deixava o, o pai ou outra pessoa, mas o pai paramentado, né? Com máscara e, e tudo assim pra, pra não ter risco. Então, foi muito difícil. E ainda tinha casa pra cuidar e tudo, fazia almoça, fazer comida, inventar lanchinho. E aí, quando eu tinha que cumprir meu horário, isso foi muito perturbador. E houve momentos em que o Felipe participou da aula, invariavelmente, Felipe, meu cachorro, né? Não teve como. É, mas foi muito estressante. E foi, e roubou tempo, né? Porque, como você tinha que cumprir o seu horário de aula na sala, na hora que chegou assim, do meio, do meio do ano, né? A gente tinha que fazer naquela escola que eu te falei, a gente tinha que tá preparado pro Google Meet. Então, você tinha que fazer um plantão no Google Meet pra atender os alunos, né? Aí foi de lascar, né, porque daí ficou muito complicado e eu tive que gerenciar e vem aquele estresse, já era estressante ficar isolada, aí vem o estresse da, da coisa, então, agora eu tô colhendo os frutos desse estresse todo que eu passei. Pra mim é um, um momento terrível, um momento muito ruim.

Orador A: É, a pergunta é, você começou a falar aí e eu vou pedir pra você especificar bem essa parte, que é como foi o gerenciamento do seu tempo durante o ensino remoto emergencial?

Orador B: Olha, na verdade, o tempo ficou tudo junto misturado, né? Porque o lanchinho do meu filho não podia esperar acabar minha aula, o almoço não podia esperar, eu tenho que começar 10 e meia. 10 e meia ainda era o horário do meu trabalho. Então, assim, não teve, é, é, ficou tudo misturado, muito embolado, né? É, vezes assim, que eu, eu tive que assim, é, fazer as coisas antecipado, pra tentar tá tudo pronto na hora, pra gerenciar, mas foi muito difícil. Na verdade, eu vou ser bem sincera, eu não consegui gerenciar como eu gostaria, porque nenhuma das minhas atividades dava pra esperar. Tudo era pra ontem. Meu filho pra cuidar era pra ontem, as provas, né, os negócios pra montar, as atividades pra montar, pra pôr no Google Class era pra ontem, aí, você ter que ficar vendo, vendo materiais, por exemplo, é, se eu fosse passar um vídeo hoje na sala de aula, ele seria um vídeo pontual. Mas eu daria a minha aula, um, um, ia inserir isso num material extra, né? Que eu colocaria pra ilustrar algo. Mas o que eu tinha que fazer era buscar materiais pra me substituir. Materiais pra fazerem, né, pra, pra suprir a, ausência física da, da minha pessoa dentro de sala de aula. Então, assim, foi muito complicado, porque não extrapolava o tempo, né? É, virava, aí você dava aula, tinha que corrigir as atividades. O Google Class favorecia de corrigir, por exemplo, as atividades que eram de marcar X. Mas também caiu no vazio, porque quando você corrige, que você olha o que o aluno anotou, que você analisa o que o aluno respondeu, tem outro efeito, né? O fato de você só tá dando atividades e essas atividades serem corrigidas automaticamente pelo Google Class, também, é, dificultou aquele feedback que a gente dá em sala de aula. Então, o gerenciamento de tempo, eu diria que não houve, né? Ele foi assim no, como deu. Foi do jeito que dava. E eu acho que assim, houve vezes, por exemplo, de, de eu ter, hã, ter reuniões online, que eram feitas, e eu participar dessas reuniões, é, teve uma vez que o pessoal falou, "Lu, seu filho vai bater". Eu tava na reunião, levando meu filho pra terapia, que eu tive que levar, eu tinha que levar mesmo na pandemia. Eu levando ele pra terapia, dirigindo, com o celular ligado no, no, no, naqueles pendurador de celular lá, lá da para-brisa, pra eu participar de reunião. E eu, do corredor lá, eu participar da reunião e até dar uns pitacos, falar algumas coisas. Mas assim, embolou tudo. O gerenciamento de tempo, se eu for olhar mesmo, hoje eu tenho gerenciamento de tempo. Eu entro na escola às sete horas, eu dou a minha aula até às 11h25. Eu saio pro meu almoço, eu retorno uma hora e às 17h30 eu acabei o meu expediente. Isso, pra mim, é gerenciamento de tempo. E eu tenho os meus horários de planejamento, que eu procuro fazer tudo, perdão, dentro do tempo de planejamento. Obviamente que não é sempre o suficiente, mas, na maioria das vezes, é possível. Agora, nessa pandemia, não teve esse gerenciamento. Ficou tudo junto, misturado. E outra coisa, como o celular da gente virou domínio público, eu tinha alunos que me chamavam à noite. Que me chamavam qualquer horário, no final de semana. Então, a gente acabava atendendo, né? Principalmente quando eram questões de, de, de natureza, é, emocional do aluno, né? Porque eu recebi, por exemplo, uma, uma chamada de uma aluna que tava presenciando violência doméstica do padrasto contra a mãe. Né? E ela, ela me ligou apavorada. Então, são, são questões que, se eu falar de gerenciamento, não houve. Não tinha condições humanas de ter gerenciamento de tempo durante a pandemia. Se alguém conseguiu fazer isso, eu admiro, admiro muito, porque eu não consegui fazer. Tô fazendo agora, agora eu tenho gerenciamento de tempo. Agora meu tempo tem, ele tem, é, tem início meio e fim pra tudo. E tem lugar de tudo. Agora, mas na pandemia não teve.

Orador A: É. Você perdeu pessoas próximas ou colegas de trabalho?

Orador B: Colegas de trabalho.

Orador A: Como foi isso?

Orador B: Da minha família, eu não perdi ninguém, graças à Deus. Mas, na escola, na escola da prefeitura onde, onde eu trabalho, nos perdemos três funcionárias. Uma delas, era mais próxima de mim, que era a minha coordenadora. E foi, é terrível, é terrível, porque na, na pandemia a gente, a gente teve medo. Quem não teve medo de morrer é porque, sei lá, num, num, num vou julgar ninguém, mas medo de você pegar a doença, de você desenvolver forma grave. Eu tenho um filho pequeno que precisa de mim, então, assim, eu fiquei muito apavorada. Eu não saía de casa, quando eu ia ao mercado, eu só não passava álcool no olho, porque ardia, porque no, eu me lavava de álcool, né? E a, a Nara, em especial a Nara, quando a Nara faleceu lá na escola onde eu trabalho, foi uma coisa violenta. Foi, foi devastador mesmo. É devastador, não tem, é, é, é coisa, é uma coisa horrível, né? Você perder. Eu imagino quem perdeu pessoas próximas, porque o quadro da doença é muito terrível. É uma morte muito agonizante e muito, sei lá, é um, é um medo da gente, da gente passar por isso também. Então, foi horrível. O impacto, pra você ter uma noção, quando essa funcionária morreu, que as outras duas também fizeram falta, obviamente, né? Também mexeu com todo mundo, mas no caso dessa, que era mais próxima da administração da escola, quando ela faleceu, as diretoras tiveram que procurar ajuda psicológica. Porque ela já era, ela estava na escola há muitos anos e é uma pessoa, assim, que era querida de todo mundo, que se relacionava com todo mundo, todo mundo conhecia. Então, foi assim, foi um trem horrível. Horrível mesmo. Sabe? Eu não quero nem imaginar quem perdeu parente nessa situação, quem perdeu mais de uma pessoa, porque, tem gente que tem famílias aí, que morreu dois, três da mesma família, né? É terrível. É, a coisa assim, pavorosa, né? E eu, eu fiquei com muito medo. Eu tive muito medo, porque eu não sabia o que que ia acontecer se eu pegasse. Eu não peguei. Graças à Deus. Mas eu exagerei nos cuidados, a ponto do meu filho falar assim, "Mãe, que horas que a gente vai sair dessa casa prisão?". E ele falar isso, mexia comigo também, né? Porque ele, quatro anos, a criança quer brincar, ela quer interagir, mesmo ele sendo autista leve, né? Ele tem essa necessidade de interagir, como todas as outras crianças. Então, o fato dele não sair de casa, ficar trancado só dentro de casa, ah, foi terrível né? É uma coisa pavorosa. Quando o pai dele pegou COVID, o medo de acontecer alguma coisa com ele. Né? E outras pessoas da, assim, da, da família dele, né, que contraíram. A minha sogra. Então, assim, um medo muito grande. Um medo, medo, medo, medo, medo, pavor. Foi horrível.

Orador A: Quais as estratégias, é, que foram utilizadas pra você manter, é, os estudantes?

Orador B: Olha.

Orador A: Durante o ensino remoto emergencial.

Orador B: Fizeram busca ativa nas escolas, em todas as escolas, né, eles fizeram o que eles chamaram de busca ativa, que foi a coordenação que entrou em contato com os alunos. Alguns alunos que tinham tido contato comigo anteriormente, né, que ligaram, eu salvei o contato. Esses, por exemplo, que em casos, a menina que ligou por conta da violência doméstica. Uma outra que ligou falando que assim que ela tinha, que ela tava se sentindo deprimida e coisa e aí eu conversei com ela. Então, assim, a gente teve essa busca pelos alunos, mas alguns eram, alguns alunos simplesmente sumiram e não, não tinha como a gente resgatar, né? Não tinha como a gente ir atrás. A gente passava pra coordenação, pra que a coordenação tentasse um contato. Mas alguns alunos desapareceram, nem as coordenadoras, eles não atendiam. E quando a gente sabia assim, que era um aluno que a gente conhecia de longa data, que tinha sido aluno da gente mais vezes, e que a gente sabia que aquela não era a conduta normal do aluno, né? Que ele era uma pessoa compromissada, aí, a gente pedia o telefone pra gente ligar ou a gente pedia, assim, pra algum colega, assim, se tinha o contato. E aí ligava pro aluno, mandava uma mensagem, né? Pra que ele participasse. Aí ele explicava a situação dele e a situação, normalmente, ela tava vinculada a essa questão da, do desemprego da família durante a pandemia, das dificuldades que tava tendo com relação a, a, ao acesso à internet e tudo o mais. Ou mesmo, é, de se locomover até a, o centro pra poder pegar as atividades na escola. Então, foi muito complicado. Na verdade, essa questão de, do que o professor fez, é bem complexa, né? Porque a gente fez o que também até onde a gente podia ir, né? A gente foi até onde a gente podia ir ou até onde a gente tinha o contato, onde a gente tinha como chegar no aluno, a gente buscava. E teve, eu acho assim, que nós tivemos uma, foi, foi um processo assim que, digamos, rompeu com alguns pilares, né? A gente nunca permitiu que aluno que não fez nada, por exemplo, chegasse no final do ano, pudesse fazer tudo. E houve isso durante a pandemia. Então, assim, eu acho que foi feito tudo o que é possível e eu, e ninguém questionou, né? Ninguém ficou botando empecilho, colocando, é, barreira pra isso, porque o momento foi muito peculiar. A gente, a gente entendeu e a gente acolheu, né? Meio que foram estratégias, assim, pra gente manter e pra, pro aluno se interessar e buscar materiais diversificados, tentar aplicativos diferentes, lá, você, na sua primeira fase da entrevista, você perguntou dos aplicativos, né? A gente chegou a participar de cursos ainda, né? Com toda aquela correria, a gente ainda participava de um, um curso, seminários sobre tecnologias, pra ver que tipo de programas que a gente podia, aplicativos que a gente podia agregar e tal, pra, pra fazer o trabalho. Só que é, é complicado, porque a gente, a gente, a gente até tenta, tentou agregar algumas tecnologias, mas os alunos não, não receberam essas tecnologias da mesma forma. O próprio Google Class, por exemplo, a maioria não sabia entrar. Não sabia entrar, até na escola onde eu, no Joaquim Murtinho, né, que é uma das escolas onde eu trabalho, você trabalhou lá comigo, no Joaquim Murtinho, a professora gravou da telinha do celular dela um, um tutorialzinho de como entrar pelo celular no Google Class. E aí, os alunos não sabiam, não sabiam. Aí eles ligavam, "Ah, hoje eu não tô conseguindo. Não aparece a sua sala", aí, eu ia ver, ele tava entrando com o login que não era o login que ele tinha que entrar, porque havia o e-mail institucional pra fazer isso. Então, assim, a gente, a gente fez além da conta. A gente instruía, a gente tinha a paciência de, mesmo fora do horário de trabalho, de você para pra instruir o aluno, pra que ele tivesse o acesso, pra que eles tivessem juntos. Você falava pra ele, ele falava, "Ah, não fiz nada não", "Faz agora, que eu te dou a nota. Eu avalio você. Entra lá, faz as atividades". Então, as estratégias, a gente fez dentro daquilo que, daquilo que era possível, porque havia uma série de barreiras. Barreira de internet, barreiras de equipamento pro aluno acessar. Eu, hã, lá na prefeitura, eu tinha um, dois irmãos que estudaram duas séries diferentes e eles não assistiam aula, eles se revezavam. Tipo assim, um assistia aula um dia e o outro assistia outro, porque só tinha um celular. Então, pra eles não ficarem os dois sem assistir ou um só assistindo, aí, era feito esse esquema na família, né? Um dia um assistia e no outro dia o outro assistia às aulas. Mas era muito complicado. Muito complicado. Então, assim, eu acredito que as estratégias, com tudo, né, com tudo, eu acredito que as estratégias que a gente utilizou da, da APC, né? Daí, as APCs tinham problema de Xerox, daí você tinha que diminuir, enxugar, fazer assim, um trem enxuto. Aí chegou uma hora que só podia mandar questão. Mas no começo a gente mandava um referencialzinho teórico pros alunos, porque apesar dos alunos estarem de posse do livro didático, eu acho que eles estavam de posse do livro, não tenho muita certeza, apesar, eu acho que sim, né? Porque ele foi entregue no começo do ano, depois a gente saiu, então, eles tavam com o livro didático sim. Apesar deles estarem com o livro didático, era muito complicado você falar, porque, é, assim, você apontar, né? Eu apontava o livro didático, às vezes, como uma opção de pesquisa, mas mesmo assim era muito complicado. Eu não sei nem, eu acho assim que uma das coisas que eu observei, e que a gente ficou muito fora da casinha, né, todo mundo, né? Não, não, ficou todo mundo assim perturbado, sem ação. A gente ficou sem ação, sem, sem mobilidade. E a, a, essa mobilidade, na questão física, de contato com os outros, emocional e, e ficou também, naquela coisa, parecia assim, que a gente ficou anestesiado, meio, sabe, tipo, congelou o negócio, assim, a gente não conseguia pensar. Então, assim, é, eu acho que a gente fez o melhor que pôde. Se isso foi 100%? Eu acho que não. Não foi 100%. Nem tinha como ser, porque a gente não tava preparado pra isso. Né? Foi um, um tsunami na verdade, né? E a gente, a gente teve que eu imagino, eu sou alfabetizada digital, imagina quem era analfabeto digital? Esse daí teve ter penado, assim, horrores, né?

Orador A: Lu, deixa eu te perguntar, como você avalia, oh, a gente tá com seis minutos aqui, mas a gente espera chegar lá nos dois, aí eu cancelo e a gente faz uma outra, não tem problema, aconteceu com vários professores. É, é comum por conta, por conta que ela restringe o tempo da gente ficar aqui. Como você avalia o processo de expansão dos usos das tecnologias de informação e comunicação e, especialmente, a utilização das plataformas de tais na educação?

Orador B: Olha, eu, eu acho que foi legal, porque abriu um novo mundo pra muita gente. Mas a verdade é que a gente tem muita gente que ainda não tem acesso a isso. Então, apesar de uma coisa muito, uma ferramenta muito legal, eu acho assim, que ela vem somar, eu não acho que professora é dispensável. Teve gente que falou assim, "Ah, professora agora, não precisa, é só o computador", não. Eu acho que nada substitui o vínculo humano, sabe? Máquina nenhuma vai substituir isso, porque o professor em sala de aula, ele faz mais do que ensinar. Ele é um ser humano, que recebe outro ser humano, porque quando você não, não recebe esse ser humano, ele não aprende. Então, você precisar ter esse vínculo e você precisa enxergar ele. Então, eu, eu acredito assim, que as, as tecnologias, elas são muito importantes e muito legais. Agrega muito pro nosso trabalho. Ela favorece, assim, um bocado de coisa, mas ela ainda não é inclusiva. A maioria das pessoas não tem acesso a essas tecnologias ou tem um acesso muito limitado, que nem teve muitas vezes o professor falar assim, "Ah, mas Zap tem". O WhatsApp não come dados. O WhatsApp é livre do consumo de dados. Então, você tem que ter essa noção, né? Então, eu acredito que é muito positivo, mas que a gente precisa incluir mais os alunos, precisa ter uma internet boa, né? Inclusive pros professores, internet boa, né? E outra coisa, a gente usou as, a internet nossa, né? A gente usou recursos próprios. Agora deram um chip pra gente, pra colocar no Chrome Book e o chip, ele expirou em um mês, ele não entra mais nada. E eu, e eu ia devolver o chip, daí um amigo falou assim, "Não, ele volta". Tô esperando ele voltar até agora. Não ressuscitou até agora. Então, eu acho assim, que precisa incluir, incluir o professor e incluir o aluno. E não incluir parcialmente, incluir com qualidade, com internet de qualidade, com, é, aparelhos que os, os, os professores até, porque o Chrome Book que foi dado pelo governo, ele ainda não atingiu todas as redes e todos os professores. Ele pegou só professores que tavam cadastrados no censo até o ano X ali do início da pandemia, né? Então, muita gente ficou de fora disso daí e não recebeu o equipamento. E recebeu o equipamento, mas não tem internet, né? Que eles pagassem a uma ajuda de custo de, é, 90 reais, 100 reais pro professor, pra ele ter uma internet boa no celular dele, que ele pudesse rotear o equipamento. Ainda nas escolas, você vai nas escolas, não tem internet. E quando tem, é uma porcaria que não funciona. É um, um, um, uma velocidade muito baixa e um, um, não comporta todo mundo acessando, né? Então, acaba que, mesmo na sala dos professores, por exemplo, se tiver quatro professores trabalhando, utilizando a internet, não funciona mais. Então, é, é ridículo, é absurdo, né? E o que é pior, querem que a gente faça as coisas na escola e não dão condições. Então, eu faço lá, mas eu roteio com o meu celular, eu roteio a internet pra poder trabalhar. Então, assim, eu sou uma pessoa privilegiada, eu tenho internet na minha casa, eu tenho internet no meu celular, de conta paga. Eu tenho notebook, que tá com a tela estragada, mas, e é velho, precisa ser trocado, mas eu tenho, né? E funcionou durante a pandemia, graças a Deus, ele tava inteiro. Eu tenho todo o equipamento que eu preciso, inclusive uma poltrona confortável pra eu sentar, porque como, como eu tive empresa, a poltrona era minha né. E aí, eu trouxe a minha empresa, a minha poltrona. Então, eu tinha até a minha poltrona, pra sentar confortável. Agora, quantas pessoas aí ficaram no lugar que nem ergo, nem ergonomia suficiente pra atender bem, não tinha? Nem internet de qualidade, não tinha. Quantos professores aí não tinham equipamento e que precisaram adquirir? Se o professor não tem, que dirá o aluno, né? Tem aluno que não tem nada, nem o celular. Eu tinha um aluno que tinha um celular daqueles ainda, lá, que era, é, sem a, sem as coisas todas que a gente tem hoje, sabe. E ele falou, "Eu ganhei esse celular, será que funciona?", eu falei, "Olha, filho, eu acho que não, porque esse daí nem é de chip". Né? Então, é, é uma coisa, é, são os Brasis que o Brasil não conhece. E por isso que tem gente que acha, é, vive num mundo sem, sem entender. Hoje mesmo o cara falou lá, "Esse negócio de monte de gente na fome, isso é exploração midiática", eu falei, "Não é não, filho. Já deve criança que desmaiou na sala de aula de fome. Eu dou aula", "Ah é?", eu falei, "É". Então, eu acho assim que, fala-se muito de muitas coisas, mas essas coisas não incluem todo mundo. A maioria fica de fora. Então, a tecnologia, ela é isso. Ela é uma coisa que tá aí, que ela é muito legal, muito bacana, traz muito insumo. Não nos substitui, mas precisa ser mais, é, ter mais acesso, né? Precisa ter condições pras pessoas acessarem. E nisso, nós estamos longe da, da realidade, né? Da realidade perfeita do que deveria, o mínimo, deveria ser de perfeição.

Orador A: Eu vou encerrar e aí ei já te mando um novo link, tá? E aí vai demorar uns cinco minutinhos pra ele renderizar e aí a gente começa da onde, da onde parou, tá?

Orador B: Beleza. Beijo.

Orador A: Beijo.

...

**Fim da Transcrição [00:31:10]**

**Gravação: audio\_entrevista\_luciana\_parte\_2.docx**

**Duração: [00:38:11]**

|  |  |
| --- | --- |
| **Legenda** | **Descrição** |
| (comentário aqui) | Comentários do transcritor. Exemplo: (vozes sobrepostas). |
| [00:00:00] | Marcação do tempo onde se inicia uma fala. |
| (inint) [00:00:00] | Trecho não compreendido com clareza. |
| ahãm, uhum | Interjeição de afirmação, concordância. |
| hã | Interjeição de dúvida, incompreensão ou reflexão. |
| Orador A | “não identificado” |
| Orador B | Luciana |

**Início da Transcrição [00:00:04]**

Orador A: É, Luciana, como você, como, você sabe como aconteceu a parceria da Google com a SED?

Orador B: Eu sei que a SED comprou um domínio, né? E aí, esse domínio foi disponibilizado o endereço de *e-mail* pra nós, um endereço de e-mail pros alunos, e eu sei que foram disponibilizadas outras ferramentas. Algumas eu tentei utilizar, mas eu num, sinceramente, não soube como, né? Que é o *Google Teams*, aquele outro... Teve também um lá, que eles disponibilizaram o-o, era um *Minecraft* de *Education*, né? E aí, eu tentei usar aquilo lá, só que daí, depois, eu, primeiro, tinha que aprender, né? Aí, eu fui entrar pra, na hora que eu tive tempo, fui entrar pra ver como é que usava. Aí, quando eu me empolguei, que eu falei, "puxa, dá pra fazer um monte de coisa aqui", aí, eles pediram pra eu, que tinha que pagar, né? E aí, eu até tentei pagar. E aí, é, liguei, não-não, diz que só o administrador podia, eu-eu liguei pra-pra SED e daí, eles falaram que não-não, num tinha como. Então assim, o *Microsoft Teams*, eu não, realmente, eu não soube como usar. Muitas ferramentas que eles falaram que eles disponibilizaram pra nós, eu realmente não-não soube aproveitar, num-num-num vi, né? Faltou treinamento pra gente, faltou... E não...

(Sobreposição de vozes)

Orador A: Quais foram as que você mais usou?

Orador B: O *Google Class*, o *Meet*, que ele é, o-o *Meet* era o-o que a gente tinha que usar pra-pra dar aulas *on-line* no estado, né? E aí, eu tinha que gravar as aulas lá no *Meet*, e depois, disponibilizar no *Google Class*. E, teve aula que eu dei pra mim mesma (rindo). Essa foi a minha maior frustração. Né? E teve aula que eu dei pra uma pessoa. Pra uma pessoa. A que eu tive mais quórum, eu tive dois alunos dentro da sala, e eu duvido que eles tenham ouvido a aula depois, né? Então assim, foi, basicamente, essas duas que eu utilizei.

Orador A: Usou outros instrumentos, outros aplicativos?

Orador B: Eu tentei o *Jamboard*, eu ouvi no curso que eu fui fazer o *Jamboard*, o (*Meeting*) [00:02:39], mas eu, sinceramente, não consegui agregar isso no meu trabalho, num-num, não-não soube como utilizar essa ferramenta, com-com aquilo que-que eu precisava fazer. Então, é, até porque foi um curso de, acho que deu, não deu uma hora de curso que eu fiz. Participei de um *webinário*, na verdade, né? E aí, ele foi falando, eu fui anotando os programas. Depois, eu entrei, alguns deles, o *Canva*, eu sinceramente assim, num-num, não consegui achar serventia pra aquilo que eu queria, porque, talvez, não tenha sido, só foi citado o nome de coisas que a gente poderia utilizar, mas não se falou de como, né? Que a gente poderia utilizar, não se deu, assim, porque, é, eu-eu acho que ninguém tira nada da cartola. A gente não é mágico, né? A gente não tira as coisas da cartola. Então, você precisa da, do-do-do, de como usar, né? De-de que o programa existe, como é que utiliza, e algumas sugestões didáticas voltadas pra sua área, pra você saber como você pode, porque uma vez que você tem o *start*. Pelo menos comigo, funciona assim; se eu tiver o *start*, depois, daí, eu envolvo. Mas eu preciso do *start*. Eu não tive esse *start*. Eu só tive um nome. O nome dum-dum negócio que foi jogado lá, e eu tentei pesquisar, mas o tempo também era curto, né? Então, eu-eu fiquei sem saber como utilizar, eu não utilizei, porque, sinceramente, não sei como que eu agregaria isso ao meu trabalho. Né? Eu interiorizei o *Google Class*. O *Google Class*, hoje, passada a pandemia, como ele ainda está disponível, eu tenho utilizado ele; porque dentro desse novo ensino médio, eu acredito que nós temos algumas barreiras ainda. A começar pelo livro didático, né? É só falar, "foi você que escolheu, foram vocês que escolheram. Ah, ótimo, fomos nós que escolhemos dentro de uma semana", nem isso, né? Uma semana pra avaliar obras, pra gente se familiarizar com o currículo que foi entregue pra nós, no ano em que ele ia ter que ser desenvolvido, né? A gente sabia que tinha uma mudança em curso, a gente tentou acompanhar essa mudança; mas o currículo mesmo, ele foi disponibilizado de um ano pro outro. Né? Eu ainda tive uma experienciazinha, porque na escola, numa das escolas onde eu tava era piloto; então, um-um ano, eu trabalhei com o segundo ano do ensino médio, o conteúdo de história do novo ensino médio. E mesmo assim, mutilado, porque a gente estava em pandemia e aí, a escola, foi determinação da SED; veio uma série de-de-de restrições ao nosso trabalho, impostas pela SED como uma-como uma experiência, né? Usar a gente de cobaia. E aí, nessa escola onde eu estava, é, nós tínhamos que montar uma APC coletiva das áreas. E nós tínhamos 10 questões pra quatro disciplinas. Então, é, eu-eu montava... Aliás, 10, não, minto; eram quatro questões de história, quatro de geografia, quatro de sociologia e quatro de filosofia. E aí, montava a APC com essas quatro de cada um. Né? E você tinha que selecionar, coletivamente, quais habilidades você ia trabalhar. Então, você não trabalhou nem as habilidades todas. Aí, quando nós voltamos, presencialmente, eu tentei, é, trazer aquelas coisas que foram trabalhadas dessa forma à distância. Eu tentei trazer dentro de sala de aula, mas o tempo também foi curto; porque eu tinha que trabalhar tudo que foi trabalhado; e ainda tinha que trazer o que era do-do-do momento. Então, foi muito complicado. Então assim, não-não-não teve como agregar muita, né? E ficou-ficou bem no ar mesmo, as coisas bem, é, muito vago, né? O trabalho. Não tô te ouvindo.

Orador A: Ah, agora... [inint] [00:07:22]. Tinha grupo de *WhatsApp*? Como o grupo de *WhatsApp* foi utilizado?

Orador B: O grupo de *WhatsApp* era da escola, só o diretor que- que, é, publicava lá; o diretor, os coordenadores e o secretário. E eram publicadas questões assim, é, por exemplo, publicava lá, quando tinha reunião pedagógica, publicava lá, regras de alguma apresentação de trabalho. Tinha o grupo dos professores da área que era feito pra gente conversar; mas, por exemplo, no primeiro ano de pandemia no, numa das escolas, no Joaquim Murtinho, na escola, é, não, você tinha o grupo que era passada as regras pra gente fazer as APCs, e a gente conversava com a coordenadora, era cada um por si. Mas na outra escola que eu trabalho, que era essa escola piloto, é, nessa escola, tinha o grupo dos professores da área, onde os professores, é, se comprometiam com uma-uma das, ah, das habilidades lá que tivesse que ser trabalhado, né? Uma das-das habilidades é, as habilidades. Aí, pegava as habilidades que a gente ia montar a atividade, mas era muito estranho. Que era assim, ó, uma-uma vez, era porque tinha que ser tudo igual: de manhã, tarde e à noite. Então, por exemplo, esse mês, eu monto as questões de história pro vespertino e pro noturno, e digo qual habilidade que eu selecionei. Aquela habilidade selecionada, ela foi selecionada dentro de um-de um conjunto de habilidades que tavam previstas pro bimestre; mas a gente não trabalhou tudo. Então, tinha que selecionar a habilidade ali, que os professores estavam a fim. Mas no primeiro ano, se eu te contar que aquilo lá ia do começo ao fim, porque não tinha sido feito um planejamento anual das habilidades; que foi no momento ainda que a escola era piloto, né? E aí, escolhia uma habilidade a esmo, e eles impuseram essa-essa diretriz também pro ensino fundamental. E no ensino fundamental, a BNCC não foi pensada pra ser trabalhada coletivamente. Então, era muito complicado, porque você selecionar uma atividade, uma habilidade como uma história e geografia; era uma coisa assim, hedionda, né? Então, daí, veio um currículo todo recortado pro aluno. Um currículo sem-sem consistência nenhuma, nem, é, nem sequência didática direito, não veio, sabe? E foi muito complicado até o momento que eu bati o pé, e falei que eu num-num ia mais fazer, peguei um professor de geografia que não era muito conformado, né? E ele-ele-ele falou assim (rindo) pra mim, "ah, falaram pra eu ver qual habilidade e tal". Eu falei, "ó, eu vou fazer essa habilidade. Ah, mas essa, em geografia não dá". Eu falei, "olha, deixa eu te falar, o nosso currículo é diferente. Se você vai se conformar de fazer o que eles tão querendo; então, você vai seguir o que eu vou fazer. Porque eu vou seguir o meu currículo, e vou fazer, eu preciso da- da minha cronologia no, pelo menos, no ensino fundamental. No ensino médio, a cronologia não existe mais. O que eu acho lamentável. Porque nem tudo que era do passado, é ruim; e nem tudo que é do presente, é perfeito. Acredito que a gente tenha que manter o que-o que tá dando certo, e corrigir o que tá dando errado. Agora, eu não vou abrir mão, este ano, eu não abro mão. Se você não quiser lutar pela sua área, eu vou lutar pela minha (rindo). Então, vamos lá, vamos, né? Os dois juntos aí, você toma pé também e a gente faz a coisa acontecer". Então, acho que uma-uma das coisas que eu senti nessa-nessa pandemia, em uma das escolas que eu trabalho, em especial essa, piloto, é que eles roubaram muito da autonomia do professor. E o professor, ele precisa de autonomia, né? Precisa de autonomia, porque é ele que está em contato com os alunos. Né? É-é, querem impor, por exemplo, que todas as salas andem juntas. Mas nem eu-eu, a mesma professora em várias salas, elas não andam igual, né? Cada uma tem o seu ritmo. E aí, quiseram impor isso como uma, como um manual pra ser seguido rigidamente. E aí, não funciona. Não dá certo, né? E nós tivemos muitas barreiras, muitas coisas assim, que foram rompidas, coisas que tentaram encaixotar a gente também nessa-nessa pandemia assim. É, tentaram colocar a gente dentro de um caixote, né? E a gente não podia extrapolar as abas do caixote e nem entender que o caixote tava, é, fora da-da forma da, daquilo que a gente precisava no momento. Então, assim, foi muito difícil, muito terrível mesmo nessa questão de...

Orador A: E pra utilizar todas essas plataformas, os professores receberam algum tipo de formação da Secretaria de Estado de Educação ou da *Google*, ou de alguma outra plataforma? Vocês receberam algum tipo de formação?

Orador B: Ótima pergunta essa daí. É-é, a-a direção da escola avisou que nós, é, que tinha um *webinário*, se a gente quisesse participar o *webnário* com o professor, não me lembro agora, o nome dele; mas que era, ele era palestrante do SEBRAE; é, eu tenho-eu tenho até ele no-no-no *Instagram,* cara, e eu não lembro o nome dele agora. É, Israel, não. É um nome-é um nome assim, e eu participei do *webnário*. Foi o quê? Se deu 40 minutos, deu muito. Né? Eu participei do *webinário*. Teve, é, foi uma semana com vários *webinários*. Era, eu acho que era 30 minutos cada. Né? E ele foi o que eu mais gostei, porque ele falou de plataformas que a gente poderia utilizar. Mas assim, foi muito genérico, né? Ele tentou, mas o tempo era curto. Então assim, dizer que a gente teve treinamento, num teve. Né? Inclusive, quando aparecia as barreiras, por exemplo, eu fui aprendendo tudo sozinha, praticamente dizendo. Eu tive um problema, por exemplo, no-no *Google Class*, o aluno falava que tinha mandado a atividade dele, e eu, e não aparecia, pra mim, não aparecia. Aí, eu descobri que indo lá nas respostas do *Google Class*, eu encontrava o e-mail do aluno, daí, eu tinha acesso ao-ao que ele fez; isso porque ele afirmou que fez, eu falei, não é possível. Se ele fez, tem que tá aqui, aí, eu fui caçar o negócio onde é que tava, né? Então, assim, eu aprendi sozinha, não tive instrução nenhuma. A-a SED, a única coisa que ela fez nas, ah, nas poucas vezes, que a SED fez alguma coisa, né? A SED, ela encaminhou, por exemplo, pra gente entrar lá num-num-num link lá sobre habilidades socioemocionais, né? É, vê aquela plataforma Vivescer, que eu achei inútil no... Autoajuda, eu tenho na-na, no *TikTok*, sabe? Se eu entrar no *TikTok*, eu tenho autoajuda, tem um monte de coisa no *TikTok*, no-no-no coisa. Eu num-num preciso de autoajuda, eu preciso de coisas profissionais. Eu-eu acho que a autoajuda é até legal, interessante; porque a gente estava em pandemia, porque estava todo mundo deprê, né? Até legal esse lado socioemocional, até porque a gente tem que trabalhar com o aluno. Mas a bem da verdade, eu precisava, naquele momento, era de coisas práticas. Eu precisava, é, de-de coisas, de ferramentas, de forma, de como trabalhar aquelas ferramentas, que, em que situações eu poderia utilizar aquelas ferramentas dentro da minha disciplina. Porque tem disciplinas, por exemplo, que você facilmente identifica com-com aplicativo, você facilmente identifica, "*putz*, isso daqui é legal pra esse, né? Pra trabalhar isso daqui". Tem coisas que você identifica. Mas por exemplo, pra mim, onde que isso serviria pra mim? Eu precisava desse *start*, eu não tive esse *start* pra canto nenhum. E quando eu tive que aprender, das coisas que eu tive de fazer do *Google Class*, do-do *Meet*, eu aprendi sozinha. Eu aprendi sozinha porque eu-eu sou alfabetizada digitalmente, eu tenho facilidade pra trabalhar com computador. Então, eu consegui aprender e consegui, à medida que as, os problemas iam aparecendo, eu fuçava, fuçava até conseguir descobrir como é que resolvia. Mas seria mais fácil, é, pouparia tempo, e pouparia stress do professor, se essas coisas tivessem sido feitas de outra forma. Se eles tivessem criado, pelo menos, um ambiente de trabalho, eles não cobraram que a gente criasse o-o *Google Class*, que a gente disponibilizasse material pro aluno; eles disponibilizarem um material pra gente-pra gente saber como utilizar isso daí. Então, não houve, não houve por parte da secretaria nem um amparo nesse sentido. Na verdade, se você olhar, ele só, é, disponibilizaram o *Google Class*, disponibilizaram o *Microsoft Teams*, um *e-mail*, e só. E ali, acabou o serviço deles, eles não fizeram mais nada, além disso. Né? Num- num-num sei se eles também num tavam preparados, por que razão isso não saiu. Mas assim, a gente precisava, naquele momento, eu acho assim, que, é, eles tiveram uma economia muito grande na-na-na pandemia, porque uma série de serviços ficaram suspensos na escola em relação a-a, né? Uma série de-de questões de, trabalhistas até, né? Porque, por exemplo, a economia que teve do prédio não funcionar de energia, de tudo mais. Então, eles tinham que ter providenciado, é, um suporte pro professor nesse sentido. Não houve. Não teve nada. É, teve colega que-que num-num conseguia mexer com nada. Não conseguia fazer as coisas no *Google Class*. Num-num conseguia, é, acessar os-os aplicativos. Então, se a coisa ficou, é, muito reduzida, ela ficou reduzida também, porque não houve esse amparo, não houve nada, não teve um treinamento, não teve nada. Nada, absolutamente nada, nesse sentido.

Orador A: Como você avalia o trabalho total desenvolvido, tanto aqueles mediados pela porta, pelas plataformas todas, *WhatsApp*, *Google*, é, entre outros que você usou, *YouTube*, sei lá; como aquele que foi, é, entregue, né? O material que foi impresso, como você avalia todos eles? Como que você avalia, como você avalia o trabalho desenvolvido durante a pandemia do covid-19 no ensino remoto emergencial?

Orador B: Olha, é uma pergunta terrível. Se a gente olhar do ponto de vista ideal, foi uma calamidade, foi uma desgraça total. Porque poucos alunos, é, eu-eu acredito até que alguns alunos nem viram o material que o professor disponibilizou. Eu-eu soube de alunos, que tinha gente que respondia, né? O geniozinho da sala respondia e compartilhava com os outros colegas. Então, assim, as respostas, né? Então, eu cansei mesmo em Projeto de Vida, que era uma disciplina que eu tinha também, e eu trabalhei assim, muito questão, assim, as minhas questões não eram, é, eram dissertativas, né? Não eram, é, de marcar X, nada disso; era-era dissertativa mesmo. O aluno tinha que escrever e eu fiz perguntas pessoais, né? "Como você está se sentindo", por exemplo, fui trabalhar a questão da emoção, né? E perguntei pro aluno, "como você está se sentindo, né? Como você, é-é, como você lida com o seu emocional na pandemia?" São questões pessoais pra caramba, não tem como ter duas respostas iguais e tinha, e tinha, sabe? Parecia que era *control C, control V*. Até os erros de português iguais. Né? Então, eu acredito assim, que não-não há um controle, né? Não tem como a gente ter um controle disso. Então assim, é, eu-eu não-não vou julgar o aluno porque que o aluno fez isso, porque que o aluno, é, copiou, porque que o aluno não respondeu, né? E nas de marcar X, é mais fácil ainda, a não ser que a gente tirasse uma coisa lá que pra misturar as alternativas, né? Mas eu nem sei se tem essa ferramenta no *Google Class*, num-num-num domino todas as ferramentas possíveis lá, né? E-e eu acredito assim, avaliando tudo isso, eu acredito que a gente fez o melhor que a gente podia, com aquilo que a gente tinha. Do ponto de vista do professor, eu acho que os professores se superaram, porque muitos professores não tinham costume, e se enveredaram por um caminho novo, e-e conseguiram até se descobrir, né? Tem professor aí, que manteve *blog* no, na *internet*, manteve conta no *YouTube* com vídeo dele ensinando, né? Teve professor assim, que-que extrapolou, e que fez dessas ferramentas, incorporou essas ferramentas ao seu cotidiano, e mantém até hoje. Então, acho que os professores se superaram. Mas do ponto de vista ideal, os resultados, eles não foram o que nós esperávamos. Né? E ainda as barreiras, por exemplo, teve aluno que eu-que eu tava dando aula pra aluna no-no *webcam*, na prefeitura. E a mãe falou, "você já lavou os potes?" Então, ele, eles também, as crianças também tavam num contexto que alguns pais não entendiam, né? Que a criança, que ela tava naquele momento em aula. A-a, aluno com o irmãozinho mais novo perturbando na hora que estava, né? Porque estava cuidando do irmão, e assistindo aula. Então assim, os resultados disso, eles têm uma série de variáveis, né? E aluno que ficou num contexto, de repente, de violência doméstica dentro de casa, que cabeça que tem pra estudar, né? Ter que ficar lá trancado naquela situação que a gente viveu, ainda as questões de insegurança em relação a futuro, pai e mãe desempregados, é, sem ter o que comer dentro de casa, né? Até que a escola abriu, só pra quem que, precisava ir comer, né? A escola abriu pra quem precisava ir comer. Foi comer na escola e voltou pra casa. Então, nós tivemos uma série de questões aí, que se a gente olhar os resultados, de fato, eles não foram bons. Eles foram importantes pra que não se rompesse o vínculo com a escola. Eles foram importantes por isso, né? Essa-essa questão da aula remota ou mesmo do *Google Class*. É, a entrega de atividades, mesmo que impressa, foi importante pra que o aluno não rompesse o vínculo; porque quem rompeu o vínculo é mais difícil voltar. É mais difícil voltar. Então, ainda que não tenha sido perfeito, ele teve essa função de-de manter um vínculo com a escola. Mas em termos de aprendizagem, os resultados, eles não foram bons. Os resultados, no geral, eles são assim, muito abaixo daquilo que a gente gostaria que fosse.

Orador A: É, eu queria que você me apontasse duas coisas. Primeiro, as principais dificuldades encontradas, e segun; não, essa-essa foi agora, né? As principais dificuldades?

Orador B: Uhum.

Orador A: Ah, agora, eu queria que você me destacasse os pontos positivos da pandemia?

Orador B: Não, as principais dificuldades...

Orador A: Não foi.

(Sobreposição de vozes)

Orador A: Agora, foram, como você avalia o trabalho? Né?

Orador B: Isso.

Orador A: Então, eu quero que você me-me delimite agora, as principais dificuldades encontradas, e os pontos posi, que você considera positivo? Que, mais ou menos, veio aí, na sua fala. Mas aí, agora, de maneira concisa.

Orador B: Ahãm. (Apontando) [00:25:11] já. Bom, as principais dificuldades foram em termos de acesso à tecnologia. Isso daí, pra mim, está no topo das dificuldades, né? É o topo das dificuldades. Porque uma vez que não teve acesso, as outras coisas, não-não se puderam, nem, é, não teve nem como viabilizar as outras dificuldades, né? Então, as outras dificuldades, elas já ficaram represadas aí. Mas, é, pra quem teve acesso, às dificuldades com relação a essa presença, por mais que você tá num vídeo, o aluno tem necessidade da presença, né? Do vínculo, daquele-daquele olhar que você dá pra ele durante a aula, daquela-daquela coisa que você vê que o aluno tá com dificuldade assim, você para do lado e fala, "não, não é assim. Peraí, que eu vou te ajudar". Sabe? Aquela-aquela coisa assim, aquele trato que só um ser humano pode fazer com o outro. De olhar pro outro, e ver que não tá num dia bom. "O que que foi meu bem, que que você tá sentindo, como é que você tá, hoje?" Essas questões aí, elas ficaram, né? Pra quem-pra quem teve acesso, faltou isso. O contato humano, o-o ver e ser visto, sabe? E essas seriam as principais dificuldades, e o, e questão assim, por exemplo, do, dos materiais, da-da, do conteúdo, de como essa-essa ausência de feedback do professor. Do professor, às vezes, eu não, eu falo até que, às vezes, os alunos parecem cara de Monalisa, né? Você pergunta, "vocês entenderam?" Eles ficam tudo com aquele olhar misterioso, aquele sorrisinho misterioso. E aí, quando você começa a fazer perguntas pro aluno, é que você percebe que ele não entendeu, e aí, você busca uma outra estratégia pra você explicar. E isso, a gente não teve na pandemia. Não teve essa troca, não teve essa percepção, porque foi uma coisa assim impessoal demais o-o, né? Pra eles, na idade deles, é-é, muito complicado, isso daí. Então, faltou, isso foi uma dificuldade assim, que se traduz aí, na questão do, de como foi esse aprendizado durante a pandemia, né? Que não foi legal. E é-é pra falar das-das coisas bacanas, né? As coisas bacanas, eu acho assim, que eu considero uma coisa bacana, essa superação que a gente teve, né? É, tanto é que pra mim, pelo menos, ficou, né? O *Google Class*, eu utilizo até hoje. Então, eu agreguei algumas coisas no meu cotidiano, que não faziam parte antes. Interessante, porque uns três ou quatro anos antes da pandemia, um professor falou que a gente podia fazer provas no-no *Google Class.* E aí, ele falou, a gente falou, "é?". Ele, "é, inclusive, corrige tudo, é fácil corrigir e tal, né? E você dá devolutivo pro aluno, é muito legal". E a gente falou, "olhe, que interessante, vou experimentar", mas nunca, experimentou, né? E aí, a gente foi obrigado a experimentar isso. E aí, essa-essa coisa de-de-de ter que se apropriar disso, eu acho que é uma coisa que foi legal assim, foi bacana, a gente se apropriar dessa tecnologia, né? Agora, a gente precisa se apropriar de outras questões, e novamente, nessa questão do acesso ali, que precisa ser resolvido. Mas essa foi uma coisa que eu acho que foi legal, né? E é só. O que foi legal (rindo) porque eu-eu procuro aquilo que mais foi legal, e eu não encontro.

Orador A: É isso mesmo.

Orador B: Coisa legal, foi só isso daí mesmo.

Orador A: Durante a pandemia, tem alguma situação que te marcou muito que você gostaria de relatar?

Orador B: Aí uma ligação, essa ligação dessa menina que tava com violência familiar, e aí eu falei-eu falei pra ela, né? Tentei orientar. Aí, eu tentava falar com ela de novo, e não conseguia; o padrasto pegou o telefone dela. Aí, eu ligava, não atendia, sabe? Eu-eu-eu fiquei assim, em agonia, porque eu não sabia o que que ia resultar disso. E a gente vê aqui, que o estado é campeão de feminicídio, né? Tá, eu acho que é o primeiro ou segundo lugar de feminicídio ali; então, foi uma coisa assim, que me-me deixou extremamente apreensiva. E um outro, foi uma menina que ela-ela tava pensando em se matar, né? E aí, ela-ela ligou pra mim. Ela ligou pra mim, chorando, que ela queria dar fim na vida dela e daí, eu fui conversar, ouvi, falei, né? Aí, tentei animar, e daí, foi aquela-aquela conversa longa, sabe? E foram duas coisas que me marcaram na pandemia, assim, foram duas situações assim, é, ah, quando eu não conseguia falar de novo com a menina, foi, nossa, eu entrei em-em desespero, né? Daí, eu chamei a diretora, avisei a diretora, falei o que tava acontecendo. Aí, ela tentou ligar, não conseguia também. Aí, sabe aquele, aquela coisa, e a gente não saber o que que a gente ia fazer. Aí, de repente, a guria atendeu, a guria atendeu. Aí, ela falou que tava tudo certo, padrasto dela tinha saído, né? E aí, que estava tudo bem, que a mãe dela não queria que chamasse ninguém. Aí, aquele, né? Eterno, o drama, né? Da-da-da, das pessoas que vivem, convivem com a violência doméstica, né? A mãe não quis, é, dar parte, não quis falar nada, e botou panos quentes e tudo, né? Enfim. Essas duas coisas me marcaram, até porque elas foram no horário, que não era o horário de trabalho mais; uma, foi 10 horas da noite. Né? E eu atendi, porque eu tava assim, eu tinha-eu tinha acabado de deitar, e aí, eu fui olhar as mensagens no celular, e ela tinha me mandado uma mensagem. Aí, eu fiquei desesperada. Saí do quarto e fui ligar pra ela (rindo), a-a, aqui, a do-do suicídio, né? Então assim, são duas situações que eu marcaria assim, que foram as mais-as mais desesperadoras durante a pandemia. E fora, né? Aluno que perdeu parente, que perdeu pai, perdeu mãe, né? E aí, criança, né? E aí, pra gente que é adulto, é difícil de lidar, né? Pra eles, que são crianças, terem que lidar com isso dessa forma, foi muito difícil. Então, assim, é-é, essa, essas questões mais de, mais humanas, foram as questões que mais me-me-me-me, mexeram comigo durante a pandemia.

Orador A: Tem algum resquício do trabalho remoto que passou a ser incorporado no trabalho presencial?

Orador B: Resquício como?

Orador A: Do desenvolvimento do trabalho, que apareceu na...

Orador B: Ah.

Orador A: Pandemia.

Orador B: Tá.

Orador A: E passou a ser utilizado...

Orador B: O *Google Class*. O *Google Class*, eu continuo utilizando até hoje. Até hoje, eu tenho-eu tenho feito assim, eu não-não tô fazendo avaliação no *Google Class*, não fiz avaliação no *Google Class*; até poderia ter feito, mas não fiz. Mas, é, por exemplo, pra suprir essa mudança do ensino médio, suprir essas questões do, das lacunas que ficam no-no livro didático com relação, né? Que é aquilo que eu tava falando assim antes, né? Falaram que a gente escolheu, mas o livro didático, na verdade, ele-ele-ele foi programado, os autores programaram pra dar a coleção inteira pro aluno, né? Não era pra dar dois volumes, era pra dar a coleção inteira. Então, tem habilidades na, que tão num exemplar, no outro exemplar, e daí, o que que acontece? O aluno só tem os dois livros lá, que é o ou um, né? Que tem escola que deu um, no primeiro semestre, o-o segundo, no segundo semestre. Né? E aí, é, né? Nas duas escolas que eu trabalho foi dado diferente. O Joaquim Murtinho deu os dois livros pra ele usar o ano inteiro, devolver no final. O Hércules deu um livro pro primeiro semestre, recolheu, e deu o do segundo semestre. Então assim, o livro não foi feito pra ser trabalhado assim, ele foi feito pra trabalhar uma coleção inteira. Então, ele não tem utilidade pra nós dessa forma. E aí, o que que eu-que eu tenho feito? Eu pego o *Google Class,* cada habilidade que eu vou trabalhar, eu coloco o material no *Google Class,* pro aluno ter o referencial teórico dele. Coloco o *slide* que eu usei, coloco um texto, um artigo, coloco uma-uma reportagem, um livro digital; coloquei. Então, foi onde eu fui suprindo. Então, o *Google Class*, hoje, pra mim, eu preciso dele, hoje. Eu preciso, porque ele é o único lugar onde a gente pode municiar o aluno, porque, é, a minha-a minha disciplina sofreu redução de carga horária. Então, eu, única sala que eu tenho duas horas aulas semanais, são o terceiro ano. Ah, o primeiro e segundo ano, eu só tenho uma hora aula semana, em uma hora aula semanal, eu não tenho tempo pra ficar passando referencial teórico no quadro, eu tenho que trabalhar o referencial teórico, né? E detalhe, né? Se eu fizer todas as avaliações que eles querem que eu faça, eu num dou aula. Então, eu tenho que também ter uma noção de que hora que eu vou aplicar essas avaliações, e como que eu vou aplicar. Na verdade, professor, fera, né? Já, professor já é o bicho que tá avaliando o aluno o tempo todo. A gente vai sacando o aluno o tempo todo, e a gente avalia de várias formas. Então, a única ferramenta que eu preciso, que eu não posso, hoje, nem que eu quisesse abandonar; eu não poderia, é o *Google Class*. Agora, outras ferramentas né? O *YouTube*, eu, quando tem alguma coisa lá no *Google Class*, eu compartilho o *link* do *YouTube*, né? Algum vídeo sobre alguma coisa específica que eu queira trabalhar; então, basicamente, é o *Google Class* e o *YouTube* agregado ao *Google Class*.

Orador A: É, você considera que as TICs, elas constituem um avanço para a educação?

Orador B: Em parte. É como eu disse, ela não substitui o professor. E ela não substitui uma série de outras coisas, uma série de outras questões. Então, por exemplo, é, nós precisamos, é, uma-uma coisa que-que carece muito na escola e é geral, né? Porque a gente tem algumas-algumas questões burocráticas, e algumas questões também legais, que impedem, por exemplo, é-é que as escolas optam por não fazer, por exemplo, umas aulas de campo, uns passeios que a gente fazia antigamente, né? Então, a gente precisava ter essas coisas, que essas coisas, elas- elas levam o aluno pro contato direto com a coisa. Até legal, porque nesse mundo aí, essa criançada aí, por exemplo, tá achando que o leite dá no saquinho, ou na caixinha, lá no supermercado. Então assim, a gente ter contato com os objetos de estudo mais próximo, a gente ter as visitações que a gente fazia antigamente, que era legal; porque essa galerinha é de apartamento. Né? A minha geração, a gente convivia num-num universo que a gente tinha contato com tudo, que a gente tinha contato com-com as coisas, né? É, a natureza, tinha contato com, é, puxa vida, com muitas coisas, né? Da, do cotidiano, do-do ambiente onde a gente tava. Eles são uma galera que primeiro eles não conversam mais, eles só falam por *WhatsApp*. É engraçado, porque eles tão...

**Fim da Transcrição [00:38:11]**